



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no ato público
“Colheita de Grãos”, na Escola do Assentamento Itamarati**

Ponta Porã – MS, 28 de março de 2003

Meus companheiros e minhas companheiras da Fazenda Itamarati,
Meus companheiros da CUT, do Movimento Sem-Terra, da Contag, que
fazem parte deste assentamento,

Meu companheiro Laino, guerreiro paraguaio, presente entre nós,

Eu não sei se o Cerimonial cometeu uma indelicadeza, por não ter
apresentado os ministros a todos os companheiros: o Ciro Gomes, é o ministro da
Integração Nacional; o Anderson Adauto, é o ministro dos Transportes; o José
Viegas, é o ministro da Defesa; o Roberto Rodrigues, é o ministro da Agricultura e o
José Graziano é o nosso ministro Extraordinário de Combate à Fome.

Meu querido Prefeito,

O ministro Rossetto já falou, já foi apresentado,

Meus companheiros e minhas companheiras,

É gratificante a gente vir este assentamento na Fazenda Itamarati e sair daqui
com a alma lavada, porque, olhando no rosto das mulheres, dos homens e das
crianças, a gente percebe aqui que está acontecendo alguma coisa diferente neste
país.

O que vocês estão fazendo aqui, no assentamento da Fazenda Itamarati, é
provar uma coisa que a gente vem dizendo há muitos anos: a reforma agrária não
pressupõe apenas a terra. A reforma agrária pressupõe que você tenha a terra, que
você tenha financiamento, que você tenha assistência técnica, que você tenha
organização em cooperativa, que você possa até se organizar em pequenas
agroindústrias.

Até porque o que nós vimos aqui, de pivô, não é possível adotar para cada



propriedade pequena, na agricultura familiar. Isso nos obriga a um trabalho mais cooperativo, a um trabalho mais organizativo, sem que percamos a nossa individualidade, como cada um tem, aqui, seus 4 hectares para plantar e desenvolver uma agricultura de subsistência.

Mas tem que haver organização para que a gente consiga fazer frente aos investimentos que nós temos que fazer na tecnologia que a agricultura brasileira tanto precisa, sobretudo, a pequena agricultura familiar.

Saio daqui com a certeza, companheiro Zeca, de que possivelmente eu tenha sido um daqueles que quando você me falava, com os olhos lacrimejando, desta fazenda aqui, ficavam imaginando se iria dar certo ou não.

A verdade é que nós visitamos as casas e o Zeca já disse: “Ainda falta chegar a energia elétrica para que vocês possam comparar se eu sou mais bonito que o Antônio Fagundes ou não.”

Ainda falta melhorar a casa de muita gente. O Olívio Dutra, ministro das Cidades, já esteve aqui com o Governador e logo vai sair a ajuda para que as pessoas possam terminar a construção das casas ou aumentar mais um cômodo.

Meu companheiro Zeca falou da água. E, neste instante, todos vocês, e nós, estamos pisando em cima do maior reservatório d’água do mundo, que é o Aquífero Guarany, que pega toda essa região. E é possível que seja através desse Aquífero – que nós, no Nordeste, conhecemos como lençol de água – que a gente possa resolver parte dos problemas da água que vocês enfrentam nas suas casas.

E aí, sim, quando vocês tiverem energia elétrica, quando tiverem terminado a casa, quando tiverem água encanada, quando a produção de vocês estiver totalmente 100%, quando as crianças todas estiverem na escola, eu não tenho dúvida nenhuma de que ouvi, hoje, de algumas famílias que nós visitamos, vamos ouvir de todo mundo.

Eu perguntava para os companheiros: “De onde você veio?” “Eu vim de tal cidade.” “O que você fazia?” “Trabalhava na agricultura.” “Qual a diferença entre o que você fazia antes e o assentamento Itamarati?” Ele me dizia: “Nós, agora,



estamos no céu.” E por quê ele dizia que “nós estamos no céu?” Primeiro, porque não é todo brasileiro que tem seu pedacinho de terra; segundo, porque não é todo brasileiro que tem a sua casa. Terceiro, porque nós vimos, agora, na apresentação que, há companheiros em alguns lugares que já estão tirando, em média, mil reais por mês.

E quem está no campo trabalhando e consegue, com a sua produção, tirar mil reais por mês, jamais irá para algum lugar deste país morar numa favela ou dormir embaixo de uma ponte, porque aqui ele encontrou condição para criar a sua família com a maior dignidade.

Qual é o problema que nós temos hoje? O Miguel Rossetto é o ministro do Desenvolvimento Agrário. Só para vocês terem idéia, enquanto no Sul do país 50% dos assentamentos têm assistência técnica, no Nordeste brasileiro apenas 2,7% dos assentamentos têm essa assistência.

Ora, se você não tem água, se não tem assistência técnica, se não tem financiamento, se não está organizado em cooperativa, você não pode dizer que está participando de um processo de reforma agrária.

Portanto, não é apenas ocupar, é a gente organizar. E eu disse isso ao Miguel Rossetto. Eu tenho dito, todo dia: se o Ministro da Reforma Agrária do meu Governo for disputar com o Governo anterior, seja do Fernando Henrique Cardoso, do Itamar, do Sarney ou de qualquer outro, apenas pela quantidade de gente assentada, se um assentou 300 mil, eu tenho que assentar 301; se o outro assentou 500 mil, eu tenho que assentar 501. Se a gente for disputar pelo número, já perdemos a batalha, porque a nossa vitória não estará na quantidade, mas na qualidade dos assentamentos, a partir deste Governo.

Colocar um homem na terra não é tirá-lo da miséria da cidade e transformá-lo num miserável do campo, às vezes precisando de cesta básica para sobreviver. Quando tirarmos alguém da cidade para levar para o campo, nós temos que ter a responsabilidade – e o meu Governo terá – de garantir a esta pessoa, no tempo necessário, as condições para ela conquistar a cidadania no campo. É para isso que



se faz a reforma agrária. Não é apenas para aumentar o número de pobres levados das grandes periferias para o campo. O que nós queremos é melhorar a qualidade de vida das pessoas.

E é por isso, companheiro Zeca, que eu acho que mais pessoas precisam vir visitar este assentamento Itamarati, para que percebam que é possível dar certo, se a gente escolher a terra certa, se a gente tiver a coragem de fazer o crédito no tempo certo, se a gente tiver coragem de recuperar as escolas técnicas, formar técnicos de agricultura para vir aos assentamentos ajudar no aperfeiçoamento da produção agrícola. E se a gente tiver a competência de ajudar, para que esses produtos possam chegar ao consumidor final.

Nós também constatamos, aqui, que ainda faltam armazéns, silos, em alguns lugares. E não custam tão caro. É apenas a gente vir, olhar, ouvir das pessoas o que falta e, agora, voltar e começar a fazer as coisas funcionarem.

Hoje, eu volto para Brasília. Acabo de receber um telefonema do senador Aloízio Mercadante, a respeito da Medida Provisória 77, que devo assinar e que trata do refinanciamento do crédito agrícola, que estava praticamente proibido para 450 mil famílias pertencentes à agricultura familiar.

Lógico que cada um de nós, aqui, e cada um de vocês, tem muita experiência. Cada um de nós tem experiência de vida, e todos sabem que nós temos apenas dois meses e vinte e poucos dias de Governo. Vocês sabem que nós vamos fazer muito mais, mas muito mais do que jamais se imaginou que fosse feito neste país para a agricultura familiar e para a reforma agrária.

É só ter um pouco de paciência e esperar. É só ter um pouco de paciência e acreditar que cada palavra que dissemos, em cima dos caminhões da campanha, cada pronunciamento que fizemos na televisão, se Deus me der saúde e vida, cada vírgula será cumprida, porque não quero perder o direito de andar de cabeça erguida junto ao povo que me elegeu Presidente da República. E, sobretudo, junto a vocês, que eu sei o que passaram para chegar onde chegaram, e sei do apoio que vocês deram, tanto a mim quanto ao companheiro Zeca.



E eu quero, com o mesmo orgulho com que vocês me apoiaram, que continuem com esse orgulho, dizendo: “Valeu a pena reeleger o Zeca, valeu a pena eleger o Lula, porque agora o crédito do Banco do Brasil não vai ser apenas para os grandes da agricultura, vai ser para todos.” O grande tem direito ao empréstimo? Tem. Agora, o pequeno tem que ter o empréstimo na época certa, porque o que nós temos assistido é que, muitas vezes, se anuncia na televisão o dinheiro do Pronaf e termina o tempo de plantio, o tempo da colheita, e o coitado do pequeno não teve acesso ao crédito, portanto, ele não plantou e não colheu. Isso vai acabar. E vai acabar a partir deste ano, porque o crédito vai sair na hora certa para ajudar vocês a plantarem, para ajudar vocês a colherem. Cabe ao Governo também fazer um esforço muito grande para ajudar vocês a venderem o que plantaram e colheram.

Zeca, o tempo é pouco. Mas eu queria dizer para você que saia daqui, com os meus ministros, para Brasília, com a alma lavada. E quero dizer a todos os companheiros, àqueles que já têm água e, também, àqueles que não têm, àqueles que têm energia mas, também, para aqueles que não têm, que esperem. Porque trazer água e energia para vocês não é nenhum ato de coragem de nenhum Presidente, não é nenhum ato de coragem de nenhum ministro. É uma obrigação moral e ética fazer os benefícios chegarem à parte pobre da população brasileira, sobretudo àquela que trabalha.

Muito obrigado, Zeca. Muito obrigado, meus companheiros e companheiras.

Gente, um grande abraço. Que Deus abençoe cada um de vocês. E, certamente, nós voltaremos aqui, quem sabe, para inaugurar a energia elétrica, quem sabe para festejar a água, quem sabe, para festejar as casas.

Mas, Zeca, pode ficar certo de que eu e outros ministros, mais esses que estão aqui, voltaremos aqui porque, quando nós voltarmos, certamente vocês estarão muito melhores do que estão hoje.

Que Deus abençoe cada homem, cada mulher e cada criança.

/mcpro